



# Memória em *frame*: a lembrança em tempos de *web*

Memory in frame: the  
remembrance in times of  
web

## Silvio Simão de Matos

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Mestre em Administração pela PUC-PR. Professor nos cursos de graduação em Educação Física e Publicidade e Propaganda e de pós-graduação em Gestão (EaD) e integrante do Programa de Pesquisa em Comunicação da Universidade da Região de Joinville (Univille). Líder do grupo de pesquisa "Comunicação, mediações e cultura". E-mail: [silvio.simon@univille.br](mailto:silvio.simon@univille.br)

## Wilson Oliveira Neto

Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ). Professor na Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: [wilson.o@univille.br](mailto:wilson.o@univille.br)



## Resumo

Os processos relacionados à inserção do indivíduo na *web* e nas redes sociais têm contribuído para a construção de modos de relacionamento das pessoas e da sociedade. Muitos são os aspectos relevantes a serem estudados, entre eles a memória. Este estudo procura entender como a memória se configura entre os jovens no universo da *web*. No desenvolvimento, foi usada metodologia qualitativa, sendo entrevistados universitários em Joinville (SC). Como resultado da investigação, percebeu-se que o jovem vê no ambiente da *web* possibilidades de memória, sejam elas destinadas aos arquivos pessoais, sejam para trabalhos e atividades do seu cotidiano, na própria universidade ou no ambiente de trabalho.

**Palavras-chave:** Memória. Comunicação. Jovens. Redes sociais.

## Abstract

The related processes to the insertion of the individual on the web and social networks has contributed to build ways of relationship of people and society. There are many relevant aspects to be studied, among them the memory. The main goal of this study is to try to understand how memory is configured among young people in the web universe. In the development, the qualitative methodology was used, being university students in Joinville (SC, Brazil) interviewed. In the conversations, it was noticed that the young person sees in the web environment memory possibilities, whether they are intended for personal files or for work and activities of their daily life, in the university or in the workplace.

**Keywords:** Memory. Communication. Young people. Social networks.



## 1 Introdução

As redes sociais vêm se configurando como um espaço de produção e manutenção de memórias, de inserção de grupos e de trocas entre os indivíduos. Curtidas, compartilhamentos e comentários alimentam o cotidiano de inúmeras postagens, parte deles relacionados à geração de conteúdos e outra acerca do cotidiano, de grupos de amigos, dos acontecimentos do trabalho e da família. Principal elemento constitutivo desse ambiente, os jovens encontram na *web* e nas redes sociais um novo formato de construção e armazenamento da memória, sendo esta compreendida neste trabalho como um processo de seleção e preservação de determinadas experiências e fatos do passado que envolve fatores biológicos e socioculturais, além de relações de poder (LE GOFF, 2003).

Fotos, vídeos e documentos tornaram-se o ponto de partida para um novo tipo de memória, em formato virtual, em que a memorização é feita de forma randômica, por meio de algoritmos e lembretes, recortes como os aniversariantes do dia ou fatos datados de um período passado. As memórias individual e social ganham espaço nesse ambiente de rede, que desconstrói os limites de território, atua na autoestima dos indivíduos e tem no *bios virtual* novos formatos de comunicação, que ampliam a extensão da nossa vida (SODRÉ, 2006).

Para discutir a relação entre memória, *web* e jovens, é relevante compreender conceitos como memória, cibercultura e a inserção dos jovens nos ambientes eletrônicos e, com base nesses aspectos, entender como se dá esse momento de efetivação da memória, que se forma na velocidade de um *frame* e que se organiza por meio de redes de relacionamento e *sites* de arquivamento em nuvem.

## 2 A memória como elemento de construção social

Uma foto, um texto de jornal, uma boa conversa entre amigos, aquela reunião de família no fim de semana, ou mesmo momentos marcantes vivenciados no trabalho. Muitos são os elementos que constituem nossas recordações e alimentam a nossa memória. Esse lugar social, do grupo, que nos



faz lembrar, é formado por um conjunto de referências que o sujeito se mobiliza para lembrar (HALBWACHS, 1990). Isso leva à construção de uma identidade, formada à medida que o indivíduo se interliga de alguma maneira a um grupo, o que vai, segundo Halbwachs (1990), fazer com que se constitua uma relação com a sociedade. No decorrer das ações cotidianas, por meio da memória, identificamo-nos com os grupos com os quais queremos nos conectar e aos quais desejamos pertencer.

Halbwachs (1990) afirma que é impossível a existência de uma memória estritamente individual. Que só lembramos à medida que nos colocamos na perspectiva de um grupo com o qual nos identificamos e auxiliamos a construir o próprio grupo em que a interação está sendo realizada. Um processo que é dinâmico, contínuo e que acaba por atuar na formação de muitas memórias coletivas.

Isso nos leva à formação de uma memória social, estabelecida mediante a instalação de uma sociedade em que a escrita se estabeleceu como instrumento para ajudar no armazenamento da memória (LE GOFF, 2003). Lugares como edifícios, símbolos nacionais, comemorações, autobiografias, entre outros passam a constituir ambientes de construção e ambientação dessa memória social e servem como pontos de estudo para autores como Pierre Nora (GONÇALVES, 2012). A memória social estabelece-se como um processo de marcação, memorização e registro, assim como de relações de poder, pois controlar a memória e o esquecimento é uma das premissas de grupos e indivíduos que almejam a hegemonia nas sociedades (LE GOFF, 2003).

Com a evolução dos meios de comunicação, a memória eletrônica também passou a fazer parte do cotidiano do indivíduo, por meio de veículos como jornal, rádio e televisão (LE GOFF, 2003). Informações são transmitidas, assumindo um importante papel na lembrança de imagens e fatos que, por sua vez, influenciam nas práticas e representações do público que as recebe. Segundo Lucas (1998, p. 8), “[...] a memória humana está sujeita ao esquecimento enquanto a memória das máquinas é ilimitada, dependendo de técnicas de armazenamento”.

Para Le Goff (2003), a relação entre a memória social e as máquinas ganhou impulso na década de 1950, com o desenvolvimento de suportes eletrônicos para a memória, a chamada “memória eletrônica”. O próximo passo para efetivar a memória eletrônica como reprodutor e arquivo do que já se tornou memória do homem deu-se com o avanço dos computadores e o surgimento da rede mundial de computadores, que se estabeleceu como um novo espaço de formação, preservação e difusão da memória.

A internet e as redes sociais, responsáveis por ampliar o sentido de público em relação a comportamentos privados, podem se tornar meios importantes da memória, pois elas possibilitaram o surgimento de novos suportes, assim como de novos meios para sua recordação, divulgação, interpretação e mesmo manipulação. Esse envolvimento da memória com a *web* traz novos contornos à conservação de informações e fatos, em um contexto que se aproxima do que diz Le Goff (2003, p. 471): “[...] procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. A capacidade de armazenar informações relacionadas a experiências, conhecimentos ou situações diárias se amplia, dessa forma, com a constituição efetiva da memória eletrônica.

### 3 A *web* como espaço de memória

O surgimento da imprensa de massa no Hemisfério Norte, no fim do século XIX, também afetou a memória social. A partir daquele momento, os relatos feitos nas reportagens e as imagens por meio de fotografias e, décadas mais tarde, cinema e televisão se tornaram efetivos registros do que ocorria nas cidades e com seus habitantes. Tem-se a constituição da memória e, conseqüentemente, do território em que ela está inserida.

Uma mudança ainda mais significativa no modo como os indivíduos processam, gravam e guardam suas memórias ainda estava por vir. O nascimento da internet e de sua rede mundial de computadores trouxe para o dia a dia do indivíduo um novo mecanismo, em que não existem mais



barreiras físicas e a capacidade de armazenamento é ilimitada, ou extensível até a quantidade de *gigabytes* que se possui, possibilitando tarefas relacionadas a organização, armazenamento, pesquisa e disseminação de informações em rede (LIMA; LIMA; SILVA, 2010).

Isso ganhou um processo de aceleração frenético nos últimos anos, com o aumento das possibilidades geradas pelos dispositivos móveis, entre eles *smartphones* e *tablets*. Lazzarin, Azevedo Netto e Souza (2015, p. 4) reforçam que isso vai envolver “[...] algum tipo de sistema de armazenamento para transmitir, conservar e armazenar as memórias através dos tempos”. Tem-se, assim, uma dinâmica na qual a memória passa a ser e estar acessível *on-line*, com limites infinitos de acesso, em diversos horários e lugares.

A virtualização gerada pelos dispositivos móveis tem resultado em novas maneiras de se armazenar e visitar as recordações geradas no cotidiano e que antes estavam presentes em histórias, fotos, vídeos, ou mesmo no cotidiano dos registros da imprensa, cujo acesso é restrito ou, pelo menos, trabalhoso. Para Sá (2007, p. 7), tem-se, então, “[...] uma memória que é pública, porque exposta e partilhada, e que é social, porque conecta reflexões privadas aos recursos públicos inscritos nos quadros coletivos da experiência comum”.

Essa questão pode, na visão de Sá (2007), reforçar um sentimento de pertencer a um grupo, a uma cultura e é designado por Halbwachs (1990) como “memória coletiva”, uma vez que “[...] estabelece laços entre o indivíduo e parte do universo simbólico do grupo ao qual pertence” (CASA DEI, 2009, p. 6), especialmente em um contexto de descentralização do sujeito e de identidades múltiplas (HALL, 2006). Para construir esse percurso de pertencer, de ser de um grupo, as redes de associação são fortalecidas pela inserção de palavras e códigos ao final dos textos que marcam as postagens realizadas pelos integrantes dessas redes.

Silva Neto e Maciel (2010, p. 10) explicam que o ciberespaço é “apresentado como um meio impalpável, imaterial e desterritorializado. Justamente porque é um lugar abstrato, invisível e semiótico,



onde acontecem fluxos de informações na forma de sons, imagens, textos, entre outros”. O ciberespaço acaba por se constituir um lugar em que se estocam informações, fatos e imagens de pessoas que nele se tornam depositárias de uma memória social e do saber do grupo no qual estão inseridos (LAZZARIN; AZEVEDO NETTO; SOUZA, 2015).

Nesse contexto de *web* e memória, é importante o conceito de cibercultura, desenvolvido por Pierre Lévy (2000, p. 17): “[...] um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Lazzarin, Azevedo Netto e Souza (2015, p. 4) relatam: “[...] instaura-se a preocupação com o registro e a conservação da memória, em meio virtual, de todo esse aparato informacional depositado no ciberespaço”. De alguma maneira, cria-se um jogo moderno no qual os mecanismos de registro, busca e arquivamento acabam por executar tarefas relacionadas à memória do homem, que passa para a máquina o seu esforço de lembrança.

#### 4 O jovem e a *web* espaço para marcar e lembrar

Nenhum grupo social sofreu maior impacto nas formas de interagir e trabalhar os registros de sua memória do que os jovens integrantes das chamadas gerações Y e Z (TAPSCOTT, 2010). Eles são portadores de páginas do *Facebook*, perfis do *Instagram* ou canais do *YouTube*, *sites* estes relacionados à constante exposição, difusão e gravação daquilo que integra o cotidiano, reconfigurando as relações do indivíduo com o tempo e com sua memória. Pode-se aqui fazer referência ao que Sodré (2006) chama de *bios virtual*, uma nova forma de vida, capaz de diluir as fronteiras do público e do privado.

O uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* contribui para produzir novos ambientes de convivência, amplia os pontos de contato estabelecidos pelos jovens e atua para reconfigurar as relações do indivíduo com os tempos cronológico e histórico. Muito disso está associado

à frequência de uso desses instrumentos pelos jovens, seja nas escolas, seja nos grupos familiares, seja em outros espaços tradicionais, que perderam impacto em função das possibilidades ampliadas, sem fronteiras, de aumentar os pontos de contato, de troca e de arquivamento estabelecidos na *web* (MENDONÇA; SALGADO, 2012).

O jovem vê na *web* uma oportunidade não só de ler e ter informações, mas também um local em que os usuários podem gerar conteúdo, disseminar suas lembranças, interagindo com outros, gerando uma cultura de espetáculo, de aparências e de visibilidade. A troca de um meio tradicional, passivo, traz forte interação, e o jovem passa não só a se ver, e sim a tornar-se sujeito na produção e disseminação de conteúdo, entre eles as suas memórias. Freire Filho (2007, p. 71) indica:

As interpretações pós-modernas asseveram que a possibilidade de anonimato e a instantaneidade do acesso on-line a incontáveis cenas e tribos contribuem para expandir o processo corrente de experimentação e encenação folgas de múltiplos estilos e concepções em si.

Trata-se de um percurso no qual curtidas, compartilhamentos e comentários alimentam a cultura do espetáculo virtual, que pode ter efeito de autoestima ou mesmo gerar distanciamento, causado por uma memória ou fala desagradável. Para Oliveira (2010, p. 3):

Hoje em dia, cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema e como essa construção de vínculos é importante para a própria autoestima. Daí a divulgação, ou pelo menos tentativas, de retratos históricos individuais e coletivos, sistematizados ou em moldes simples, sem tratamento científico.

Com a frequência de uso em evolução contínua, os jovens fazem da interação com outras oportunidades para se expressar e contextualizar experiências, dando vida e voz a fatos, imagens e notícias publicados nas redes sociais. Falci (2014, p. 15) observa: “[...] dentro da lógica do compartilhamento as histórias são reproduzidas sem a certificação da verdade”.

Tem-se então uma nova dimensão, em que o público e o privado se misturam e a *web* se fixa como um meio democrático, de liberdade de expressão e compartilhamento livre de ideias, mas que





também gera uma base de dados ampla e irrestrita de informações capazes de analisar gostos e preferências individuais (SANTAELLA; LEMOS, 2010; GONÇALVES, 2016). Uma ação caracterizada por voluntariedade, por participação, interação, que tem uma língua universal digital “[...] que promove a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizados pelos indivíduos” (GONÇALVES, 2016, p. 38). Esse ambiente de interação, produção e distribuição é constituído de atores cujo poder específico consiste em sua posição de influência na rede, levando os jovens a se ligarem a essa rede de contatos.

## 5 Metodologia

Para a realização do presente estudo, além das pesquisas bibliográficas referentes ao tema, aplicou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com a intenção de entender como a memória se configura entre os jovens no universo da *web*. De acordo com Densin e Lincoln (2006), esse tipo de pesquisa envolve o ambiente natural, a interpretação e as representações, que levam os pesquisadores a estudarem “[...] as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENSIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Já Minayo (2009, p. 21) afirma que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida em outubro de 2016, mediante entrevistas abertas com quatro estudantes de uma universidade da cidade de Joinville, em Santa Catarina. Para Malhotra (2006), esse tipo de entrevista auxilia na coleta de informações, pois uma de suas principais características é o fato de o entrevistado poder responder com maior liberdade de expressão. O roteiro de questões procurou estabelecer um foco de interesse mais amplo, genérico, para questionamentos mais específicos, relacionado à memória em rede, para poder entender a constituição dos códigos sociais de memória por intermédio das falas e observações feitas pelos entrevistados (MINAYO, 2009).

As entrevistas foram gravadas e cada uma delas teve a duração aproximada de 25 minutos. A análise dos dados deu-se relacionando as falas dos entrevistados com os conteúdos apresentados ao longo do artigo. A intenção foi entender como são construídos os diálogos no cotidiano dos jovens, os mecanismos usados para registro e lembrança, bem como se ocorre o uso de arquivos em nuvem (Google Drive e Dropbox, por exemplo) para armazenamento da memória na *web*.

## 6 Discussão dos resultados

Com o objetivo de subsidiar as discussões e análises das questões das entrevistas, são apresentados os resultados das questões tratadas com os universitários, e a análise das informações coletadas nas entrevistas ocorre após a exibição dos dados. As perguntas iniciais das entrevistas abordaram a formação de diálogos no cotidiano dos jovens: com quem conversam, que tipo de assunto e que histórias são guardadas desses encontros com outras pessoas. O Quadro 1 traz uma síntese dos comentários.

Quadro 1 – Diálogos como construção da memória

<b>Entrevistado 1</b>	Diálogos são com amigos, colegas de trabalho e com a mãe, a respeito de assuntos do cotidiano. O principal meio utilizado é o físico, por meio de conversas faladas.
<b>Entrevistado 2</b>	Espaço dedicado a histórias da família, contadas por avós e tios, por exemplo. Por isso, são principalmente físicos. Gosta do imaginário presente nas histórias.
<b>Entrevistado 3</b>	Relembra muitas histórias vividas no ensino médio com amigos. A conversa pessoal é mais utilizada, por gerar mais emoção. A imagem é um ponto de partida para a representação e o contato.
<b>Entrevistado 4</b>	Ocorrem durante reuniões com a família e com os amigos nos fins de semana. Acredita na troca física. No ambiente <i>on-line</i> é muita representação e construção de conteúdo sem relevância.

Fonte: Elaboração dos autores

Percebe-se que, no cotidiano dos jovens participantes da pesquisa, amigos, colegas de trabalho e familiares são os principais integrantes dos diálogos do cotidiano. Essas trocas acabam por

constituir histórias, que passam a fazer parte da memória de cada um deles. O interessante é que, quando utilizada a terminologia *diálogo*, que remete à troca com o outro, a preferência de cada um dos entrevistados foi a conversa física, sobretudo pela representatividade do contato pessoal e pela possibilidade de construir um imaginário com esse diálogo.

Isso pode ser evidenciado em comentários como o da entrevistada 2, quando aborda trocas digitais: *“É um pouco estranho e não tem o mesmo sentido, principalmente na questão do imaginário”*. Outro depoimento que destaca a força do físico em relação ao virtual na construção de diálogos é a fala do entrevistado 3: *“É sempre mais carinhoso conversar pessoalmente. O meio digital é muito frio”*. Isso está presente quando Halbwachs (1990), assim como outros autores, elabora o conceito de construção de identidade, que ocorre na relação com o outro, com quem se estabelecem conexões afetivas. Ou seja, é na alteridade que a identidade se constrói e se manifesta, influenciando práticas e representações.

No Quadro 2, estão as observações sobre como os jovens participantes da pesquisa fazem para registrar fatos e acontecimentos que ocorrem no dia a dia. Também se questionam se o processo de registro e memória mudou nos últimos anos e o papel da família e dos amigos nesses registros.

**Quadro 2** – Registro de fatos e acontecimentos

<b>Entrevistado 1</b>	O celular e as redes sociais são o principal meio de registro. Preocupa-se com a importância dada pelos outros. Percebe a construção de uma memória mais curta, em razão da tecnologia e da quantidade de informações. Existência de um sentimento que falta. Grupos ajudam a lembrar e resgatar memórias.
<b>Entrevistado 2</b>	Ainda preserva o hábito de revelar fotos para olhar e lembrar. Cria pastas com nomes para voltar a olhar. Pensa que as pessoas ao colocar as fotos na <i>web</i> acabam esquecendo.

<b>Entrevistado 3</b>	Arquiva imagens no computador, antes as revelava. Hoje é tudo muito líquido. Informação em alta velocidade e rapidamente apagada. Ter com quem compartilhar dá um sentimento de segurança. Memória torna-se uma conexão com essas pessoas.
<b>Entrevistado 4</b>	Fotografia tem o poder de transportar para aquele ambiente. Acredita em uma geração em que o consumo da informação é visual, por isso pensa em uma transformação da memória. Não confia na leitura da memória pelo jornalismo, pela publicidade.

Fonte: Elaboração dos autores

Nesse ponto da entrevista com os universitários, começou a ser percebida a inclusão digital como um suporte da memória. O computador também é utilizado com bastante frequência, assim como a fotografia digital, que em alguns momentos é impressa. Aqui, observa-se a compreensão quanto à dimensão de duração temporal da memória, que com o uso das redes sociais acaba sendo curta.

Na visão dos participantes, tudo é em alta velocidade, como exemplifica a entrevistada 2: *“Um pouco estranho. Não tem o mesmo sentido, por causa da questão do imaginário”*, ou o entrevistado 1: *“Percebo que a minha memória se torna mais curta por conta disso. Antes gravava muito mais coisas que precisava lembrar. Com essas tecnologias, não lembro tanto, às vezes até coisas de uma semana”*. Isso vem ao encontro do apresentado por Gonçalves (2016) e Santaella e Lemos (2010) quando falam da *web* enquanto ambiente compartilhado, que mistura o público e o privado e gera diferentes tipos de informação sobre gostos e preferências individuais, por exemplo.

Os jovens também foram questionados sobre redes sociais, entre elas *Facebook* e *Instagram*, como elementos de registros relacionados ao seu cotidiano, a relevância de tais redes para a memória e a atuação desses mecanismos *on-line* na lembrança e na memória de situações que ocorreram consigo, com amigos e como familiares (Quadro 3).

### Quadro 3 – Redes sociais (RS) como memória



<b>Entrevistado 1</b>	RS compõem a memória diária, tipificada por mídia social. Tem o hábito de usar as RS para postagem, no entanto percebe que em alguns momentos o seu dia a dia fica desinteressante. Tem dificuldade de memorizar tudo o que acontece, às vezes até o que aconteceu na semana passada. Vê nas RS um instrumento para lembrar, para saber o que acontece com os amigos e com a família.
<b>Entrevistado 2</b>	Utiliza RS com frequência para fotos de trabalhos ou de momentos passageiros. Família compartilha muitos momentos usando as RS, principalmente os parentes distantes. Já teve memórias que esqueceu e o <i>Facebook</i> lembrou. Vê atualmente as RS como de grande importância para a memória.
<b>Entrevistado 3</b>	Tem atuação nas RS, interagindo com amigos e familiares. Acredita que as RS trazem uma não preocupação de guardar algo histórico. Pensa que as lembranças da <i>web</i> são mais frequentes pelo número de curtidas e compartilhamentos. Vê na <i>web</i> um reservatório da memória.
<b>Entrevistado 4</b>	Preocupação de usar as RS para dizer quem é. Compartilha momentos que fazem bem a si próprio. Não coloca fotos da vida pessoal. Vê nas RS muito potencial para registro, mas não tem muita confiança. Quando lembrado pelo <i>Facebook</i> se questiona por que não viveu aquele momento com tanta intensidade.

Fonte: Elaboração dos autores

Um fato já amplamente estudado é comprovado pelos entrevistados, o de que as redes sociais estão presentes no cotidiano dos jovens. O que se percebe nas entrevistas realizadas é que os universitários participantes da pesquisa utilizam redes sociais como o *Facebook* para compartilhar fatos mais relacionados à família e a trabalhos, já o *Instagram* é alvo de publicações de fotos. As redes sociais também se tornam um importante instrumento para aproximação de famílias que residem em cidades diferentes.

O volume intenso de publicações, sejam as próprias, sejam as da rede, evidencia a dificuldade que os jovens têm para armazenar e criar uma memória de tempo mais longa. Aqui a terminologia *memória* em *frame* ganha destaque e mostra-se presente. Outro fato que surge é a preocupação

demonstrada no que se refere à relevância da postagem feita por eles, como expõe o entrevistado 1: “Quando viajo, coloco muitas fotos. No dia a dia não costumo fazer muitos posts. Parece que às vezes o meu dia a dia não é muito interessante”.

A preocupação com a autoestima nas redes sociais é evidente entre os jovens. Eles relacionam a memória na *web* com o número de curtidas e compartilhamentos das postagens e também se questionam sobre como viveram os momentos que são lembrados pela *web*. O entrevistado 4 relata: “Me questiono o porquê não vivi mais. Se foi tão bom, por que não vive mais, ou será que foi uma representação?”. Oliveira (2010) trata da questão de como a construção de vínculos atua no reforço da autoestima de quem está inserido nas redes sociais, por meio das publicações.

Por último, no Quadro 4, procurou-se identificar o uso de *softwares on-line* de arquivamento, como Google Drive e Dropbox. Um aspecto significativo discutido nesse tópico é a possibilidade da perda de fotos, vídeos e trabalhos armazenados nesses ambientes.

**Quadro 4 – Memória em nuvem**

<b>Entrevistado 1</b>	Álbuns de fotos <i>on-line</i> , como memória, além de arquivos de trabalhos da faculdade. Vê como uma maneira mais fácil de ter acesso. Mantém arquivos físicos, pois tem medo da perda e também por reservar alguns fatos somente para o ambiente privado.
<b>Entrevistado 2</b>	Facilidade de mais grupos terem acesso à mesma memória. Fica preocupada com a possibilidade da perda, apesar de ter confiança no <i>software</i> .
<b>Entrevistado 3</b>	Vê na memória em nuvem uma solução, um benefício, mas coloca as coisas mais importantes em outro formato de armazenamento. Por muitas vezes, acaba esquecendo o que colocou. Tem preocupação mais leve em relação à perda.
<b>Entrevistado 4</b>	É um fã da memória em nuvem. Guarda fotos que não tem vontade de compartilhar. Vê que a tecnologia atua no sentido de substituir funções do indivíduo. Não tem recordação do que está em nuvem. Preocupa-se em perder coisas boas que viveu.

Fonte: Elaborado pelos autores



Não é somente por meio das redes sociais que as tecnologias provenientes da internet atuam na construção de novos processos de armazenamento da memória. Atualmente, *softwares on-line* como Google Drive e Dropbox são utilizados com grande frequência para depositar o que produzimos enquanto memória: fotos, áudios, vídeos, trabalhos, construções textuais. O ambiente virtualizado, em formato de nuvem, tornou-se parte do cotidiano, sobretudo dos jovens universitários, como os participantes das entrevistas, entre eles a entrevistada 1, que diz: *“Acho isso muito bom por estar em local e poder acessar arquivos e memórias de qualquer lugar, mais fácil do que qualquer mídia física”*.

Interessante observar que esses *softwares on-line* que atuam como memória em nuvem auxiliam no acesso à lembrança e servem como instrumento para guardar aquilo que não se quer expor ao público, ou seja, que se deseja que fique no privado. O entrevistado 4 enfatiza essa questão: *“Hoje 15 gigabites não são suficientes para alguém que tem a memória para si e não compartilhados. Eu guardo fotos que não tenho vontade de compartilhar”*.

Ao mesmo tempo, todos os participantes demonstram, apesar de confiarem nos *softwares on-line* que usam, forte preocupação com a possibilidade de perder suas memórias, por conta de algum ato falho do sistema. Para a entrevistada 2, a ideia da perda a deixa agoniada: *“Pensar que fiz um trabalho, nota do bimestre, me deixa muito desesperada”*. Outro ponto de vista foi abordado pelo entrevistado 4, ao observar: *“De certa forma, pode se perder uma parte, que precisa colocar em outro lugar, que pode cair no esquecimento”*.

Nesse sentido, percebe-se que a memória em nuvem se torna um depósito de imagens, sons e atividades produzidos no cotidiano dos jovens, que têm na plataforma *on-line* um suporte para arquivamento de algumas partes da vida deles que não são usadas com frequência. Assim, tais plataformas passam, como apontam Lazzarin, Azevedo Netto e Souza (2015), a ter a tarefa de memória em vez de esta ser executada pelos indivíduos.



## 7 Considerações

O ambiente digital, do qual fazem parte redes sociais como *Facebook* e *Instagram* e *softwares on-line*, entre eles os que possibilitam arquivamento em nuvem, como Google Drive e Dropbox, vem despertando o interesse de inúmeras pesquisas no campo da comunicação (SANTAELLA; LEMOS, 2010; GONÇALVES, 2016). A internet trouxe para o cenário das pessoas novas possibilidades de troca, de interação, de diálogo umas com as outras. A rapidez com que novos formatos surgem na *web*, bem como o volume de informações geradas de forma *on-line*, atua de maneira direta em inúmeros fatores, entre eles a memória.

No presente estudo, procurou-se conhecer como a memória se configura entre os jovens no universo da *web*, pelo fato de eles serem os maiores frequentadores dessa mídia. As entrevistas realizadas permitiram conhecer aspectos sobre a constituição de diálogos com pessoas próximas, o modo como são feitos registros de fatos e acontecimentos, as redes sociais como memória e o funcionamento da memória em nuvem. Isso possibilitou que fossem identificadas situações do cotidiano da vida dos jovens universitários participantes da pesquisa.

Cabe aqui ressaltar que esses jovens ainda acreditam que os diálogos devem ser principalmente constituídos na presença do outro e que de fato dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* levam ao uso das redes sociais enquanto memória cada vez mais curta, pelo ritmo e pela quantidade de informações e imagens. Também é significativo o entendimento de que as redes sociais, suas curtidas e compartilhamentos atuam na produção, ou não, de autoestima nos jovens e que a memória em nuvem pode facilitar e organizar o acesso a fotos, imagens e trabalhos, mas também gera frequente preocupação com a perda de trabalhos e lembranças.

As considerações apresentadas reforçam as ideias de Halbwachs (1990) e de Le Goff (2003) de que a constituição da memória é, em cada indivíduo, a combinação dos diferentes grupos dos quais ele sofre influência. Além disso, o ciberespaço, com suas inúmeras possibilidades de formação de rede,





é um local apropriado para a construção, preservação e disseminação das memórias social e coletiva (LAZZARIN; AZEVEDO NETTO; SOUZA, 2015).

## Referências

- CASADEI, E. B.. Os novos lugares de memória na internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente *on-line*. **BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-almeida-webjornalismo.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.
- DENSIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- FALCI, C. H. R. Relações entre a teoria ator-rede e a construção da memória cultural em ambientes programáveis. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais [...]**. Belém: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2014.
- FREIRE FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GONÇALVES, D. M.. **A internet no olhar da comunicação brasileira**. Curitiba: Appris, 2016. 307 p.
- GONÇALVES, J. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAZZARIN, F. A.; AZEVEDO NETTO, C. X. de; SOUZA, M. R. F. de. Informação, memória e ciberespaço: considerações preliminares no campo da Informação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 21-30, jan./abr. 2015.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LIMA, M. R.; LIMA, E. H. de M.; SILVA, E. C. Reflexos da cibercultura: a democratização do acesso à memória histórica documental. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 4., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura; UFRJ, 2010.
- LUCAS, C. R. Os senhores da memória e do esquecimento. **Transinformação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 87-96, jan./abr. 1998.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**. 4. ed. São Paulo: Bookman, 2006.
- MENDONÇA, C. M. C.; SALGADO, T. B. P. Imagens que vinculam: espetáculo, entretenimento e *performance* no YouTube. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**, Belo Horizonte, n. 2, p. 91-106, 2012.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, J. C. A memória social na era das novas tecnologias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro: Ancib, 2010.
- SÁ, A.. A *Web 2.0* e a meta-memória. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 5., 2007, Braga. **Anais [...]**. Braga: Universidade do Minho, 2007.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.



SILVA NETO, C. E.; MACIEL, J. W. G. A era dos sistemas inteligentes: o hipertexto como ferramenta ciberespacial em arquivos. *In*: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., 2010, Recife. **Anais** [...]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

TAPSCOTT, D. **A hora digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.